



MUNDOS INDÍGENAS

PROGRAMA
CONTÍNUO



MUNDOS INDÍGENAS

PROGRAMA
CONTÍNUO

Ana Maria R. Gomes

Lucas Carvalho

Paulo Maia

Renata Marquez

(organizadores)

A exposição *Mundos Indígenas* foi inaugurada originalmente no Espaço do Conhecimento UFMG, em dezembro de 2019. Fechada na ocasião da pandemia de covid-19, foi reaberta e permaneceu em cartaz até setembro de 2023. Em julho de 2025, *Mundos Indígenas* foi remontada no mezanino da Reitoria e lá permaneceu até fevereiro de 2026. Ao deslocar-se para o campus, estabelece-se como ação de um programa contínuo na UFMG, abrindo-se para experimentar outros formatos e outras alianças e agregar outros mundos indígenas a partir do envolvimento cotidiano com a comunidade acadêmica.

curadoria

**Davi Kopenawa
e Joseca Yanomami**

**Julio Magalhães
Ye'kwana e Viviane
Rocha Ye'kwana**

**Vicente Xakriabá
(*in memoriam*),
Edvaldo Xakriabá
e Célia Xakriabá**

**Sueli Maxakali
e Isael Maxakali**

**Liça Pataxoop e
Kanatyo Pataxoop**



në ropë



MUNDOS
INDÍGENAS







MUNDOS INDÍGENAS

nê rapê
swichô
corpo-território
sãx hã ny
hãm kura'ã xeka

Exposição
Curadoria
Arte
Literatura
Música
Dança
Teatro
Cinema
Fotografia
Arquitetura
Design
Moda
Alimentação
Educação
Saúde
Economia
Política
Religião
Filosofia
Ciência
Tecnologia
Meio Ambiente
Direitos Humanos
LGBTQIA+
Outros





MUNDOS INDÍGENAS

corpo-lento
hãm kua kua









nē



weichö

Nos tempos primordiais da vida na Terra, cada povo recebeu um território para viver: a um weichö, um modo de vida próprio. Por isso, cada povo tem seu jeito de viver. O ye'kwana weichö é o modo de viver Ye'kwana, em que se destacam nesse alimentação; a maneira de ornamentar nossos corpos; as narrativas orais, que contam sobre a criação do mundo e de todos os seres que nele vivem; nossos cantos e danças e, sobretudo, a música dos nossos instrumentos. Nós, Ye'kwana, decidimos apresentar a vocês, não indígenas, um pouco da nossa weichö.

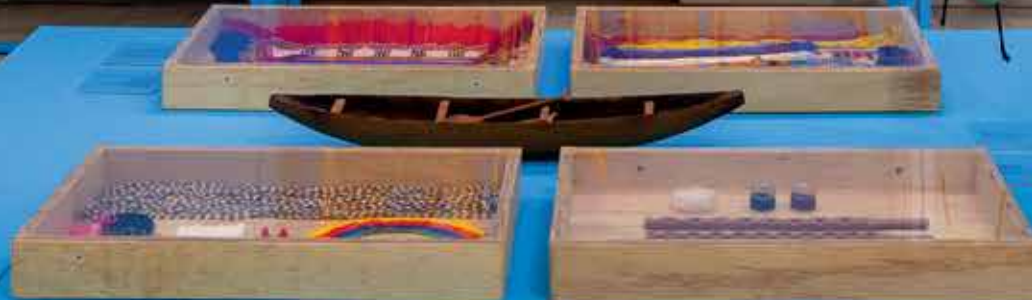
Julio David Magalhães Ye'kwana
Viviane Cajusuanema Rocha Ye'kwana



weichö

Nos tempos primordiais da vida na Terra, cada povo recebeu um território para viver: o weichö, um modo de vida próprio. Por isso, cada povo tem seu jeito de viver. O ye'kwana weichö é o modo de viver Ye'kwana, em que se destacam nossa alimentação; a maneira de ornamentar nossos corpos; as narrativas míticas, que contam sobre a criação do mundo e de todos os seres que nele vivem; nossos cantos aichu e jurem, e a música dos nossos instrumentos. Nós, Ye'kwana, decidimos apresentar a vocês, não indígenas, um pouco do nosso weichö.

Julia David Magalhães Ye'kwana
Viviana Capuavansima Rocha Ye'kwana





weichö

Il video è un'installazione di video che mostra la vita quotidiana di una comunità indigena in un villaggio del Perù. Il video è stato realizzato da un regista indiano e mostra la vita quotidiana di una comunità indigena in un villaggio del Perù. Il video è stato realizzato da un regista indiano e mostra la vita quotidiana di una comunità indigena in un villaggio del Perù.

Il video è un'installazione di video che mostra la vita quotidiana di una comunità indigena in un villaggio del Perù. Il video è stato realizzato da un regista indiano e mostra la vita quotidiana di una comunità indigena in un villaggio del Perù.











weichö

Das Weichö ist ein traditionelles Spielzeug der Maya. Es besteht aus einem kleinen, hölzernen Kegel, der mit einem Seil umwickelt ist. Das Weichö wird in der Hand gehalten und durch die Luft geschoben. Es ist ein Spielzeug, das in der Maya-Kultur seit Jahrhunderten bekannt ist. Es wird oft bei Festen und Zeremonien verwendet. Das Weichö ist ein Symbol für die Maya-Kultur und ihre Traditionen.

von: [Name]







corpo-território

Este projeto visa apresentar a diversidade cultural e territorial dos povos indígenas brasileiros, destacando a importância do território para a identidade e a sobrevivência dessas comunidades. A exposição é composta por vídeos, fotografias e objetos que ilustram a relação entre o corpo e o território.



corpo-território

Território é um galho que nos conecta com a raiz. É relação com o sagrado. O território é nossa morada coletiva, mas é também nossa morada interior. Com o território, a relação não é da terra como matéria: é uma relação ancestral como corpo e espírito. Território é terra, água, vento, pessoa, bicho, planta, chapada, caverna, árvore, roça, mas não só – é tudo o que isso significa nas múltiplas potências das palavras, ao mesmo tempo em que não cabe nelas. Em nossos corpos essa feitura se dá nas pinturas, na língua, na alimentação, nos resguardos, nos afetos, nos modos de aprender e ensinar. Nossos corpos-territórios são lugares férteis de elaborar e guardar o conhecimento. Nós aprendemos mais com a árvore viva do que com um papel morto. Esse é o saber de quem vive e aprende com o território, essa é a ciência de nosso povo.

Kakriabá
kakriabá
abá











yāy hā mǐy

Se eu fizer um desenho, eu vou transformar, formar o
desenho do bicho. Fiz e transformei, entenderam?
Se eu plantar, semente vai se transformar em pé de
fruta, vai sair fruta. Transformar em diferente.
Tudo yāmy mǐya para transformar, mǐya bicho, peixe,
quati, porco-do-mato, e vai transformando. No nosso
ritual, é yāmy mǐya muitos bichos. Nós, os Tikmú lei,
nós transformamos em bichos e em outras coisas
também. Por isso dizemos yāy hā mǐy, transformar.
Antigamente, todo pajé se transformava em bicho.
E bicho se transformava em outro bicho. E toda árvore
também vai se transformando. As coisas transformam
muito, não é? E hoje isso ainda continua. Eu me
transformei em coordenador da escola. Yāy hā mǐy.
Vendedor. Yāy hā mǐy. Transformar. E assim.

Isaías Mexikali
Sani Mexikali





Māgtuk
Koxām kup
Zezão Maxakali
2019 | flechas e varas de
brinquedo



MEMORÁVEIS

MEMORABLE ONES

ES G B AIS

**hām'kuna'ã
xeka**

development of a new generation of people who will be able to work in a global environment. The program is designed to provide students with the knowledge, skills, and attitudes necessary to succeed in a global environment. The program is designed to provide students with the knowledge, skills, and attitudes necessary to succeed in a global environment.

Keywords: child sexual abuse; disclosure; social support

mīy



hãm'kuna'ã xeka

O tema da exposição, hãm'kuna'ã xeka, no tempo das águas, não foi escolhido por nós, do coletivo por "Tendaço", "Tendaço", (tã) das línguas Tendaço, em que tudo inicia. É a terra, a água, a natureza e o hábito da vida. Queremos celebrar esse nascimento. Hãm'kuna'ã xeka é a história de Mui Muiatã. É uma introdução para o mundo e para aqueles que podem entender a história não é só de gente de cor, mas de gente de espírito, de natureza, de espírito. O relato para as crianças é simples. É de uma que viveu a história indígena e o todo da vida. A gente vive. É uma grande vida para a história de nós, Paláncas, o primeiro a viver a história com Cabral. Queremos a história indígena, não só nossa.

Katrine Paláncas
Liza Paláncas





hãm'kuna'ã xek

O tema da exposição, hãm'kuna'ã, não foi escolhido por Yãmikoop. Yãmikoop, no Tempo Grande, em que brotos, da renovação e do celebrar essa nascimento de Muã Mimatã. É uma história não é só de gente falar dos espíritos, dos ligados. O recado para os mundo. É do início que vem felicidade – o todo da vida. A viver. É uma grande visão por vinda de nós. Pataxoóp, o grande encontro com Cabra resistência indígena, não só

Kanaty Pataxoóp
Pataxoóp





hãm'kuna'ã xeka

O tema da exposição, hãm'kuna'ã xeka ou o grande tempo das águas, não foi escolhido por nós, foi escolhido por Yãmixoop. Yãmixoop, filho das águas, veio no Tempo Grande, em que tudo inicia. É o tempo dos brotos, da renovação e do nascer da vida. Queremos celebrar esse nascimento. Hãm'kuna'ã Xeka é a base de Muã Mimatxi. É uma introdução para conhecer nosso mundo e suas ligações com outros mundos, pois nossa história não é só de gente de carne e osso. Queremos falar dos espíritos, dos vegetais, das águas, pois é tudo ligado. O recado para os brancos é desse início de mundo. É do início que vem a história, a fé, a alegria, a felicidade – o todo da vida. A gente se transforma para viver. É uma grande visão para deixar para os brancos vinda de nós, Pataxoop, o primeiro povo de resistência, desde o encontro com Cabral. Queremos falar da resistência indígena, não só nossa, mas da Natureza

Kanatyo Pataxoop
Liça Pataxoop





Percurso pelas imagens

Imagem 1

Chegada à exposição e vídeo com depoimentos dos curadores e das curadoras.

O espaço Yanomami e Nê ropë.

Imagens 2-7

O espaço Yanomami e Nê ropë.

Imagem 8

O espaço Yanomami e Nê ropë.

O espaço Ye'kwana e Weichö.

Imagens 9-14

O espaço Ye'kwana e Weichö.

Imagens 15-20

O espaço Xakriabá e Corpo-território.

A presença de Célia Xakriabá na inauguração.

A equipe de ação educativa: Deolindo Faustino da Silva, Marciane Rocha, Fabrício Potiguara Ka'amembyra, Railane Brito dos Santos e Rainilza Viana Arantes.

Imagens 21-26

O espaço Maxakali e Yã y hã mĩy.

Imagem 27

Vista geral da exposição desde o espaço Pataxoop.

Imagens 28-34

A presença de Liça Pataxoop na inauguração.

O espaço Pataxoop e Hãm'kuna'a xeka.

sumário

78	uma exposição-pesquisa Ana Maria R. Gomes, Lucas Carvalho, Paulo Maia e Renata Marquez
84	demarcar a universidade Célia Xakriabá
90	minha escola e minha universidade foram a mãe terra Liça Pataxoop
96	mostrar nossa tradição viva Viviane Cajusuanaima Rocha
100	para não esquecer Isael Maxakali
104	nossa terra-floresta tem <i>ně ropě</i> Joseca Yanomami
110	ação educativa indígena Deborah Lima, Fabrício Potiguara Ka'amembyra, Marciane Rocha, Deolindo Faustino da Silva, Railane Brito dos Santos e Rainilza Viana Arantes

uma exposição- pesquisa



Ana Maria
R. Gomes,
Lucas Carvalho,
Paulo Maia e
Renata Marquez

Histórico de uma exposição-pesquisa

O processo de construção e montagem da exposição *Mundos Indígenas* no Espaço do Conhecimento UFMG se deu ao longo de 2019 em encontros de trabalho com os curadores e as curadoras indígenas e seus assistentes. Alguns grupos vinham até o Espaço do Conhecimento para se reunir com as equipes do museu; outros nos esperavam em suas aldeias. Vivemos diálogos intensos e transformadores, que geraram um movimento de pesquisa incontornável e concretizaram um espaço de cocriação transdisciplinar e pluriepistêmico definitivo. O museu se deixou afetar profundamente pela história, pela presença e pelos recados daqueles cinco mundos indígenas – Yanomami, Ye'kwana, Xakriabá, Maxakali e Pataxoop.

Pouco tempo depois de inaugurada em dezembro de 2019, a exposição foi fechada ao público por causa da pandemia. Reaberta quando permitido, ficou em cartaz até setembro de 2023. Ao ser desmontada, era evidente para nós e para muitos dos que com ela se envolveram que aquela não seria mais uma exposição temporária a ser subtraída da agenda institucional. Seu recado seguia firme e necessário. Seu convite à manutenção da vida persistia como urgência. O museu guardou então todos os elementos que compunham a exposição – redes, cestarias, cerâmicas, instrumentos musicais, bambus, flechas, varas de pesca, máscaras, esteiras, filmes, fotografias, desenhos, cantos, folhas e raízes – e começamos a imaginar modos para sua continuidade, transformação e presença contínua na UFMG.

Hoje percebemos que a exposição *Mundos Indígenas* demarcou um movimento de pesquisa que extravasou o calendário expositivo de 2019-2023 – uma exposição-pesquisa que juntou olhares e práticas de campos diversos, para além da Antropologia, e que a partir da sua desmontagem começou a ser repensada como lugar de diálogo com as trajetórias indígenas recentes dos curadores e das curadoras tanto dentro da universidade como nas políticas públicas nacionais. Afinal, de lá para cá, muita coisa aconteceu.

Em 2021, Viviane Ye'kwana defendeu a sua dissertação de mestrado na UFMG sobre soberania alimentar de seu povo. Em 2022, sua irmã, Marciane Ye'kwana, é aprovada no Curso de Antropologia e, em 2026, seu irmão Marcio Ye'kwana é o primeiro aluno de Arquitetura e Urbanismo aprovado pelo programa de vagas suplementares para indígenas na UFMG. Marciane atuou como uma dos cinco mediadores indígenas que trabalharam na ação educativa na remontagem da *Mundos Indígenas* na Reitoria da UFMG em 2025 e Marcio é hoje bolsista do projeto de extensão *Mundos Indígenas: Programa Contínuo*.

Em 2021, Sueli Maxakali foi uma das artistas participantes da 34ª Bienal de São Paulo com a obra *Kumxop koxuk yōg*. Em 2022, Sueli e Isael Maxakali receberam o título de Doutores por Notório Saber, respectivamente em Letras e em Comunicação Social, pela UFMG. Desde 2023, eles trabalham no programa de reflorestamento Hãmhi Terra Viva – Plano de gestão territorial e ambiental das terras indígenas Tikmun'un.

Em 2022, Davi Kopenawa, em evento na Reitoria da UFMG, solicitou que fossem retomadas as atividades no campo da

educação e da saúde com os jovens das diferentes comunidades da Terra Indígena Yanomami (TIY). Essa solicitação deu origem ao Programa de Extensão em Direitos Humanos, Educação e Saúde Yanomami e Ye'kwana, que está sediado na Universidade dos Direitos Humanos (UDH/ProEx/UFMG) e conta com quatro projetos em curso: Direitos Humanos na Terra Indígena Yanomami (TIY) - UDH/ProEx/UFMG; Formação Continuada de Professores e Magistério Técnico no Território Etnoeducacional Yanomami e Ye'kwana (TEE-YY) - FAE/UFMG; Espaços Comunitários de Saberes, Cultura e Bem viver Yanomami - EA/UFMG e Redes de Cuidado na Terra Indígena Yanomami (TIY) - ENF/UFMG.

Liça Pataxoop realizou em 2024 o mural do CURA (Festival de Arte Urbana de Belo Horizonte) com o tema de seu recado na *Mundos Indígenas*, *Hãm kuna'ã xeka*. Em 2025, Liça levou os seus *Têhêys de Pescaria de Conhecimento* para a Flip, em Paraty. Ainda em 2025, retornou ao Espaço do Conhecimento UFMG como uma das artistas convidadas a integrar a exposição de longa duração *Sonhar a Terra*,¹ espécie de semente que germinou a partir da *Mundos Indígenas*.

Em 2023, Célia Xakriabá foi eleita a primeira deputada federal indígena por Minas Gerais. A emenda parlamentar de seu gabinete viabilizou a remontagem da exposição *Mundos Indígenas* na Reitoria da UFMG em 2025, entendida como uma primeira ação de presença e transformação da exposição como um programa contínuo na UFMG.

Deslocamentos expográficos

A exposição *Mundos Indígenas* foi concebida originalmente para o Espaço do Conhecimento da UFMG, um museu universitário inaugurado em 2010. O espaço, para integrar o Circuito Liberdade, foi projetado pela arquiteta Jô Vasconcelos de forma a transformar o antigo edifício administrativo em um museu. A expografia foi concebida na ocasião não como desígnio ou prescrição, mas como espaço de acolhida e confluência entre os mundos. Desenhamos uma estrutura mínima capaz de rascunhar os cinco territórios indígenas por meio de cinco cores pintadas em paredes e pilares que ocuparam todo o 2º andar. Essa demarcação por cores deveria ser capaz de receber e deixar conviver todos os elementos que vinham chegando das aldeias para co-construir a exposição como um livre espaço entre acervo e mobiliário expográfico.

Dois anos depois de ser desmontada do Espaço do Conhecimento, a exposição se deslocou para a Reitoria da UFMG, prédio que iniciou a ocupação territorial da Cidade Universitária em 1962 e é tombado pelo Conselho de Patrimônio Cultural de Belo Horizonte. Projeto do arquiteto Eduardo Mendes Guimarães Júnior, o edifício é um dos símbolos do modernismo da cidade.

Mais do que uma mudança de endereço, a itinerância da exposição revela um deslocamento espacial e epistêmico. Os cinco mundos indígenas Yanomami, Ye'kwana, Xakriabá, Maxakali e Pataxoop saem do centro da cidade de Belo Horizonte em direção a outro centro, o do campus principal da Universidade Federal de Minas

Gerais. Em um movimento entre espaços tão diferentes, fisicamente e politicamente, quais diálogos podem ser feitos a partir de uma proposta expográfica?

O Espaço do Conhecimento da UFMG foi concebido como um museu cubo-branco: sem janelas, climatizado e com iluminação artificial. Enquanto o mezanino da Reitoria da UFMG é um espaço aberto com panos de vidro e muita iluminação natural, funcionando como uma antessala do auditório do prédio.

Na proposta original da exposição *Mundos Indígenas*, muitos dos objetos presentes na expografia foram expostos de forma suspensa, fixados no teto e nas paredes. Ao deslocarmos a exposição para um espaço totalmente diferente, nos deparamos com um desafio expográfico significativo. Os panos de vidro reduziram a disponibilidade de superfícies verticais para exposição, além da dificuldade, antes inexistente, de negociar com os fluxos de iluminação natural; enquanto as medidas patrimoniais impediam intervenções permanentes ou fixações na arquitetura do edifício.

Decidimos, então, ao utilizar os suportes disponíveis no acervo da Pró-reitoria de Cultura da UFMG, dialogar com a arquitetura modernista do prédio e ao mesmo tempo criar ambiências próprias para cada mundo indígena. Dois tipos de suporte foram mobilizados: suportes vazados em metalon e módulos de madeira em formato “caixa”. Mantivemos a independência dos mundos, valorizando suas cores e identidade visual, mas dessa vez usando os suportes como dispositivos criadores de espacialidades.

Essas estruturas receberam os textos, as imagens e os objetos anteriormente

suspensos, como as cestarias Yanomami e Ye'kwana e as máscaras, flechas e varas Maxakali. Além disso, serviram como suporte para as projeções. A disposição dos painéis foi cuidadosamente pensada para que os dispositivos eletrônicos fossem posicionados nos módulos de madeira no centro do espaço. Enquanto os suportes de metalon preenchidos parcialmente com chapas de madeira pintadas nas cores da exposição foram distribuídos em frente às janelas e paredes, preservando a permeabilidade visual. A ausência de paredes tornou-se oportunidade para pensarmos no chão como espaço expográfico. A cor vermelha que caracteriza o mundo Pataxoop foi deslocada para o chão, estabelecendo um diálogo visual com as esteiras de palha presentes no mundo Xakriabá, ao mesmo tempo que com o piso modernista de madeira, que cria um desenho no chão do mezanino.

As adaptações e invenções realizadas no espaço para acolher a exposição *Mundos Indígenas* na Reitoria abrem margem para uma questão mais ampla: pode a Reitoria da UFMG se tornar um espaço museal que acolha e divulgue as presenças diversas que compõem a universidade?

Liça Pataxoop, na ocasião da inauguração de 2025, assim descreveu a itinerância: “A exposição não foi remontada. Ela foi criada de novo. Ela foi andando, caminhando e chegou a outros espaços. Hoje está na Reitoria da UFMG. Ela foi criada de novo para ser uma outra forma de estar.”

Formas de estar, formas de permanecer, formas de conviver

Assumindo o caráter processual de *exposição-pesquisa* em movimento, ao ser redesenhada para o mezanino da Reitoria, *Mundos Indígenas* demarca mais uma vez a presença indígena na universidade e dá prosseguimento à urgência do seu debate, à sua experimentação epistêmica, ao seu exercício cocriativo e ao seu aprendizado de cuidado com a Terra.

Uma exposição-pesquisa que se desenvolve sobretudo com a presença e o diálogo com os pensamentos e as práticas indígenas na UFMG e que planeja ser um espaço em trânsito onde essa presença e esse diálogo possam se dar através de ações programadas, publicações, exposições, seminários, debates e novas incorporações de acervo. Uma exposição-pesquisa que deseja ser apropriada por novas gerações de estudantes e pesquisadores indígenas de outros povos também – ampliando os cinco povos iniciais – para que eles ocupem, repensem e produzam materiais, registros e proposições acadêmicas e não acadêmicas a partir de seus mundos próprios.

Além de nos questionar sobre a presença indígena na universidade – uma presença

efetiva, que antecede a chegada dos estudantes indígenas, uma vez que as pesquisas com/sobre indígenas vêm de longa data – esta exposição-pesquisa também coloca em questão a própria ideia de museu e mostra museal. Essa premissa se fez presente desde quando a mostra nasceu para ser apresentada ao Espaço do Conhecimento UFMG e foi se moldando com as novas formas que assumiu até chegar à Reitoria. O questionamento aqui abarca também a própria lógica museal, cujo pressuposto original não prevê o encontro entre pessoas, produtores, agentes e atores da exposição e aqueles que dela usufruem ou que vêm frequentá-la. *Mundos Indígenas*, por outro lado, é baseada na promoção do encontro ou, mais ainda, na necessidade do encontro.

O projeto de extensão *Mundos Indígenas: Programa Contínuo* abre-se assim para experimentar outros formatos, outras alianças e outros mundos a partir do envolvimento com a comunidade acadêmica indígena. A sua presença como programa contínuo quer promover relações de afeto, trabalho coletivo e sonhos compartilhados de futuro, convidando ao encantamento, à sensibilização e à responsabilidade de viver junto.

1 *Sonhar a terra* foi inaugurada em dezembro de 2025. Com curadoria de Deborah Lima e Renata Marquez, integra a mostra de longa duração *Demasiado humano*.

demarcar a universidade



Célia
Xakriabá

Quando as professoras Ana Gomes e Déborah Lima me convidaram em 2019 para ser uma das curadoras da exposição *Mundos Indígenas*, eu falei:

“Não, curadoria é com o pajé Vicente, curadores são os mais velhos!” Mas elas queriam que eu falasse também, junto com pajé Vicente, sobre o corpo-território xakriabá.

Quando pensamos em exposição no museu, é sempre o olhar fechado, a tela negra, como se aquele espaço fosse sem movimento. Naquele momento, ao pensar nos mundos indígenas que incluíam o povo Yanomami, o povo Ye'kwana, o povo Maxakali e o povo Pataxoop, nós inovamos. Eu falei que era importante que no corpo-território pudéssemos ter o olhar vazado das esteiras. Na montagem no Espaço do Conhecimento, tínhamos as esteiras no chão, como aqui na Reitoria, mas tínhamos também as esteiras do olhar vazado, no teto. Porque os mundos indígenas precisam atravessar as mentes, além de atravessar as lentes da câmera.

Nós não somos somente o olhar, nós somos outro movimento que acontece para além do corpo-território, para além do ser humano. Somente sabe ser humano aquele que sabe ser água, aquele que sabe ser Cerrado, aquele que sabe ser bicho, aquele que sabe ser onça. E o povo Xakriabá tem a origem na memória da onça, tem esse lugar da sabedoria de não perder o olhar de caçadora.

Pajé Vicente, com toda a sua sabedoria, fez em 2019 o recolhimento de várias ervas e raízes do Cerrado para a exposição. Ervas que dão de comer, dão de curar, dão de beber. Sobre as esteiras do chão do museu, tinha também esse espaço

que, se a gente fechasse os olhos por um minuto, parecia que a gente estava lá na Aldeia Caatinguinha. O espaço tinha um cheiro e o território carregava ali o seu sentido.

As ervas do pajé Vicente foram colocadas dentro de bacias de cerâmica feitas por Ivanir Xakriabá, companheira de Nei. Nei Xakriabá havia reativado a cerâmica tradicional, a chama da cerâmica xakriabá, que Edgar teve a oportunidade de documentar no filme *Dure Nât Sâro* (Manter Aceso), junto com o nosso professor Nei. Eu falo que quando a gente presenteia com uma cerâmica xakriabá, ou quando as pessoas compram uma cerâmica xakriabá, elas não estão levando um objeto como compram em outro lugar. Elas estão levando um pedaço do território. E um pedaço do território para nós é algo sagrado.

Se nos perguntassem: “Vocês querem morar na Amazônia ou no Cerrado?” Se perguntassem para o povo Ye'kwana ou Yanomami se queriam morar no Cerrado, certamente nenhum de nós iria querer trocar de lugar, porque a relação de boniteza que temos com o território é de todo o conjunto, é de pertencimento.

Edvaldo Xakriabá também fez parte dessa curadoria por trabalhar elementos que reativaram o artesanato xakriabá, como as peças de osso e de madeira. Isso foi importante porque conseguiu trazer a possibilidade de bioeconomia para o território, assim como a cerâmica. Hoje eu queria ter tempo para fazer minhas vestimentas, para fazer vestido de noiva no território xakriabá, porque nós sabemos que artesanato também é bioeconomia. Artesanato é cultura, é identidade, mas também é bioeconomia. Cultura não é somente o que a gente faz. Cultura é o que a gente é.

Pajé Vicente é memória, nós sentimos que mesmo com a passagem dele em 2024, mesmo com a passagem de Durkwa Kreka Xakriabá (Neguim) também, nas últimas semanas, nós sabemos que um grande líder nunca morre, apenas muda de lugar. Do mesmo modo que tio Valdim, um grande doutor do Cerrado, não conhecia as ruas da cidade, sabemos que mais difícil do que conhecer as ruas da cidade é conhecer uma árvore no período da seca ou no período da flor, porque muitos de nós, jovens, só conhecemos as árvores quando estão no tempo do fruto ou da semente.

Quem diria? Eu estava em 2019 iniciando o doutorado, atravessamos uma pandemia, atravessamos um golpe e

depois me tornei parlamentar. E mais tarde, hoje, continuo sendo uma das curadoras desta exposição. Consegui terminar meu doutorado em Antropologia na UFMG e isso nos traz uma responsabilidade redobrada.

É com muita alegria que esta exposição também é parte de uma colaboração com a emenda parlamentar enviada pelo nosso mandato que possibilitou esta remontagem. Estamos aqui com nossos parentes, bolsistas indígenas que conduzem as visitas a esta exposição. Que bom que podemos ter bolsistas indígenas que estão estudando, mas que também possam ter esse incentivo para contar as suas histórias, porque ninguém melhor do que nós para contar a nossa própria história.

Tive a oportunidade de estar três vezes no território Yanomami frente a uma crise humanitária. As pessoas usam isso como polarização política, mas eu sempre digo: se quer polarizar politicamente, use outro tema. O povo Yanomami é uma questão humanitária. Nós enviamos recursos para colaborar também diante dessa profunda crise. Fizemos a denúncia no Congresso Nacional e propusemos um projeto de lei de combate à violência contra as mulheres indígenas que são vítimas do garimpo, protocolado em língua indígena. Está no Senado e queremos aprovar e sancionar o mais rápido possível.

Os povos Yanomami e Ye'kwana que estão aqui e vários outros povos são vítimas do garimpo e da mineração. Não existe mineração legal e garimpo legal, porque seria legalizar a morte. E para nós legalizar a morte é legalizar sobretudo a destruição. Um senhor Yanomami de 70 anos disse: "Não fomos nós que pedimos o garimpo, não fomos nós que pedimos para contaminar a água. Hoje o território é grande, mas está contaminada a nossa comida." Nós pensamos que quando ferem o território, ferem também as pessoas, elas ficam adoecidas. Não é por acaso que o índice de suicídio nos territórios é alarmante, junto com a desnutrição.

Nós no território Xakriabá não temos acesso ao Rio São Francisco. Digo que é exatamente a ausência do que nós não vivemos no Rio São Francisco que nos afogou. Sei que o parlamento brasileiro hoje é um dos principais inimigos, mas nunca me sinto derrotada, porque derrotada é quem está de braços cruzados. Nós estamos lá como voz atuante, ecoante.

Com toda a dificuldade, num cenário quase impossível, aprovamos um projeto de lei importante e aprovamos na comissão da Amazônia a PNGATI, a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental em Terras Indígenas, com toda a obstrução do PL, com toda a tentativa de não votar, mobilizamos e conseguimos.

Por muitas vezes, no Congresso Nacional, pareço estar sozinha, mas não me sinto sozinha porque conseguimos carregar muitas territorialidades dentro de nós. Não me sinto sozinha porque junto conosco estão milhões de ancestrais. Não me sinto sozinha porque certamente todas as pessoas que fizeram a grande viagem não morreram, apenas mudaram de lugar e seguem fazendo a luta em um lugar diferente.

Assim como Davi Kopenawa Yanomami fala que os povos indígenas estão evitando a queda do céu, nós no Congresso Nacional tentamos evitar pelo menos um pouquinho a queda dos direitos. Quando não podemos ser artilheiros e fazer gol, somos zagueiros, ficamos na defesa. Quando vemos que ser zagueiro não é suficiente, vamos só para o gol e tentamos defender. Mas ainda assim, não lutar com a mesma arma do inimigo nunca significou que estamos desarmados. Nós estamos lá, com nosso jeito de lutar diferente. Se as pessoas costumam dizer que matamos um leão por dia, eu digo que no Congresso Nacional a nossa luta é para deixar as onças vivas.

Sofremos o primeiro golpe no ano de 1500. Mas sabemos que a terra tem um valor crucial para nós. Continuamos lutando pelo território porque quem tem território, tem lugar para onde voltar. Quem tem lugar para onde voltar, tem mãe, tem colo e tem cura. A nossa luta não começou hoje e não é amanhã que terminará.

Acabei de chegar de São Paulo da Conferência de Mulheres. Hoje faltei ao Congresso Nacional só para estar aqui na exposição, porque consideramos que é importante demarcar a universidade. Aqui estamos nós, na Reitoria da UFMG, inaugurando mais uma vez a exposição *Mundos Indígenas*.

minha escola e minha universidade foram a mãe terra



Liça
Pataxoop

*He, he, he. He, he, he
He, he, he
Mõg kanin kuna'ã imõk
Mõg kanin kuna'ã imõk
Pahã mahã xiaxum
Puxihi mikaxxa
He he he he he he he*

Primeiramente quero agradecer o convite das professoras Ana Gomes e Deborah Lima. Agradecer também a UFMG – a Faculdade de Educação e a Reitoria, esse espaço que hoje está recebendo a nossa história, o nosso mundo indígena. Agradeço um espaço onde não fiz o meu estudo, porque a minha universidade foi nos lugares da mãe terra. Mas meu companheiro e meus filhos passaram por aqui, pelo curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), e hoje tenho muitos doutores: os doutores dos não indígenas e os doutores indígenas da mãe terra, do meu lugar, da natureza. Sou filha da terra e irmã da natureza.

Moro na aldeia Muã Mimatxi, em Itapeçerica, Minas Gerais. Fui convidada para ser uma das curadoras da exposição. E falei: “Meu Deus, como vou ser essa curadora?” Compreendi depois que eu tinha que trazer uma escrita de cura. De cura de gente e da natureza. Porque eu nunca estudei em escola de fora. Minha universidade foi a mãe terra, na roda de fogueira, na roda de conversa, na roça, na mata, no mangue, na praia, nas pedras, nas lagoas, nos rios, nos córregos, no quintal da minha casa, na minha casa.

Esses lugares foram a minha escola, junto aos exemplos da minha família, do meu povo e da minha cultura. Eu não sei escrever as suas escritas, com as suas letras. A minha escrita

é outra. A exposição foi um momento muito bom, porque pude trazer para esse espaço, para o povo não indígena, a minha escrita das imagens, para eles também conhecerem. A minha escrita é a escrita dos Yãmixoop e a linguagem materna da terra. Na natureza eu tenho os meus professores, os meus diretores, os meus defensores, os meus médicos. Yãmixoop deixou para nós Pataxoop essa escrita.

A minha escrita é uma escrita de dentro de um desenho chamado *tehêy*. *Tehêy* é uma pescaria de conhecimento, ideia que veio do sentido do *tehêy* de pescaria que as mulheres e as crianças usam para pescar no rio. *Tehêy* é hoje um material da nossa escola, pois hoje temos uma escola de quatro paredes na aldeia, mas a nossa escola é nesses lugares do mundo, da natureza, da mãe terra. O *Tehêy* de Pescaria de Conhecimento traz os valores da vida pataxoop. Através do *tehêy*, ensino os valores da minha cultura, os valores de gente, os valores da mãe terra, os valores dos animais – todos os valores do sagrado são ensino para nós. É como estudamos, aprendemos e ensinamos.

Hãm Kuna'ã Xeka foi o recado que escolhemos trazer para os não indígenas conhecerem. Esse recado trouxe um valor que é o Tempo Grande das Águas, um tempo que traz tudo: traz a vida que é o nascer das nossas crianças, da natureza, das sementes, que é o fortalecer dos parentes, o crescer, o viver. É essa vida toda que esse tempo traz.

Por que esse tempo? Porque esse tempo tem muita importância para os Pataxoop. Porque foi o tempo que deu origem ao povo Pataxoop. É o tempo que Pataxoop veio para essa terra. Um tempo muito forte no nosso pensamento. O tempo das sementes. O tempo das plantas, do nascer, do crescer, do viver, do renovar. Nós também fomos uma semente que brotou nessa terra. É um tempo que fazemos um grande ritual para agradecer esse tempo que é o nosso ano novo, *Hãm Kuna'ã Xeka*.

Nós temos o Deus criador, guardião da natureza, que é o Mimatxiuhi. E nesse tempo que ele vem a nossa aldeia nos visitar, abençoar, dar fortalecimento. Temos que caçar muito alimento, colher muita fruta, beber bebida da mandioca, é tempo de fartura, é o tempo que se junta com os outros parentes, é tempo sagrado, ancestral. Fazemos com canto,

dança, grito, assobio, banho de água com terra – assim fazemos esse festejo. Nossa memória está viva ali, junto com a terra.

Cada um que vem apreciar essa exposição, vai ouvir as histórias e os recados de cada povo. Vai ver o meu recado *Hām Kuna’ ā Xeka*, o recado do meu povo, o recado da mãe terra, porque tudo na terra tem sentido para mim. Apesar do que sofremos desde 1500, eu nunca perdi meu pensamento de indígena Atlântica, porque eu tenho o mar. Eu sou de mar grande, eu sou de rio, eu sou de lagoa, eu sou de brejo, eu sou de praia. Tudo eu tenho dentro da minha cultura.

É muito importante poder trazer esse recado para as crianças daqui. Temos que formar as nossas crianças, para serem um bom homem, uma boa mulher, um bom aluno, um bom professor, um bom médico, um bom governante da terra. Quem sabe podemos formar uma criança para ser um governante que tenha a segurança de uma educação, de um valor para a vida que ama todos, entre gente, natureza e o sagrado, porque tudo está sofrendo pela maldade do homem.

Aqui está o momento dos brancos aprenderem a amar, um amor igual quando nós os recebemos em 1500. E quebrar a história do livro de história. Porque o livro conta só mentiras. Certos brancos fazem essas maldades, os filhos de Imōxa, os filhos de Kayāyun.

Temos que formar nossas crianças. Temos que estar nesse espaço. Não estudei aqui, mas hoje estou aqui, trazendo um recado não só meu, mas de todo o meu povo Pataxoop. Trouxemos o meu mundo indígena de Muā Mimatxi que hoje está aqui na UFMG. Meu mundo indígena está vindo de lá para cá. E também o dos meus irmãos Maxakali, Xakriabá, Yanomami e Ye’kwana. Nós estamos fazendo aqui o mundo.

Siwê, Saniwê, Werymehe, Txahá, Txioiana, Kanatxy, todos passaram pela UFMG e os meus netos também vão passar. É muito importante essa ligação, essa troca de conhecimento, de valores. Ensino dessa forma, pelos valores da vida. Espero que os que passem por essa exposição pesquem a pescaria de conhecimento. Um conhecimento que possam levar com eles. Vamos ajudar a nossa mãe terra a viver, seguir em pé, seguir com saúde, que nós também ficaremos com saúde. Porque nós indígenas ficamos muito tristes ao ver o rio encardido, porque terra não mata ninguém, terra não encarde ninguém, terra não suja ninguém, terra não adoece ninguém. O

homem que adoece a terra. Esse é o recado que eu deixo para todos. Para que possam também nos ajudar nesse movimento.

A minha primeira exposição foi a *Mundos Indígenas*, no Espaço do Conhecimento, em 2019. A exposição veio em 2025 para a Reitoria da UFMG, levando as nossas descobertas, a nossa cultura para os não indígenas poderem conhecer o mundo de cada um dos cinco povos da exposição. Conhecer o mundo Pataxoop de Muā Mimatxi e conhecer o mundo dos outros indígenas que estavam por ali também, para todos apreciarem juntos a diversidade de cultura, a diversidade de pensamento, de sentimento, de ensinamento, dos valores de como vivemos, de resistência de vida. É desse mundo que nós vivemos, é do mundo do Yātihi kepxex, o mundo do Hāhām. Agora é o mundo do Yātihi kepxex e nós estamos dentro. E isso foi muito importante.

A exposição não foi remontada. Ela foi criada de novo. Ela foi andando, caminhando e chegou a outros espaços. Hoje está na Reitoria da UFMG. Ela foi criada de novo para ser uma outra forma de estar, para quem passar por ali apreciar os mundos de cada um, a realidade de cada um, a vida e a cultura de cada povo, porque é assim que o não indígena tem que reconhecer que nós indígenas temos a nossa cultura e o nosso jeito de ser. Cada um tem a sua consciência de vida no mundo, a sua forma de ensinar e de aprender. Aprender como preservamos, como conservamos, como levamos essa vida entre nós e a natureza, porque não se aprende só o aprendizado da letra de gente, aprendemos e ensinamos sobre a linguagem da mãe terra.

A UFMG hoje é nossa parceira, um lugar onde meu povo pode estar buscando e levando o que serve para ele e para o não indígena. Cada um vem trazendo o objetivo da sua cultura. Estamos levando o recado do nosso povo, do nosso chão de vida, que é a nossa aldeia que está saindo para lá. Daqui de Muā Mimatxi para a UFMG, a cidade e o mundo.

mostrar nossa tradição viva



weichö

Nos tempos primordiais da vida na Terra, cada povo recebeu um território para viver e um weichö, um modo de vida próprio. Por isso, cada povo tem seu jeito de viver. O ye'kwana weichö é o modo de viver Ye'kwana em que se destacam: nossa alimentação; a maneira de ornamentar nossos corpos; as narrativas wātunna, sobre a criação do mundo e de todos os seres que nele vivem; nossos cantos aichudi e ādōmi, e a música dos nossos instrumentos. Nós, Ye'kwana, decidimos apresentar a vocês, não indígenas, um pouco do nosso weichö.

Julio David Magalhães Ye'kwana
Viviane Cajusuanaima Rocha Ye'kwana

**Viviane
Cajusuanaima
Rocha**

O *Ye'kwana Weichö*, tema que escolhemos para a exposição, é importante para mostrar como nós, povo Ye'kwana, vivemos hoje, não o que já vivemos no passado, mas sim como temos mantido nossa cultura viva no presente.

As peças que estão na exposição fazem parte do nosso dia a dia, os cestos *wöwa* que as meninas e mulheres fabricam e usam para o trabalho na roça, os cestos *tudi* que são usados cotidianamente pelos meninos e rapazes. Tudo o que está na exposição, os adornos de miçangas, colares, brincos, são usados no cotidiano das nossas comunidades.

É importante mostrar o que nós vivemos, mostrar aos visitantes que não é encenação, é o que vivemos aqui, não é inventado nem à toa, é a nossa cultura viva. Apesar do fato de que hoje em dia poucas pessoas fazem os cestos, isso não se perdeu na nossa cultura, nós continuamos fabricando nossa cestaria. Através dos projetos que a nossa associação realiza, a Associação Wanasseduume Ye'kwana, temos resgatado isso, tem muitas meninas aprendendo a fazer cestaria com as mulheres mais velhas, os meninos aprendendo com os homens mais velhos. Com os ornamentos de miçangas é a mesma coisa, também não é todo mundo que sabe fazer a tanga feminina, que é importante para realizar o ritual da moça. Por isso é muito importante para conhecer, são conhecimentos muito valorizados por nosso povo e foi isso que escolhemos mostrar para os *Yadaanawi* [os não-indígenas].

Essa exposição tem contribuído para mostrar nosso jeito de viver, quebrar o preconceito que muitos não-indígenas têm, mostrar o que nós vivemos, para eles verem e darem importância ao que nós estamos vivendo. Não é para mostrar somente para aparecer à toa, de qualquer jeito, mas mostrar a nossa realidade. Por isso é muito importante, através da exposição, mostrar nosso mundo. Para que os *Yadaanawi* conheçam e respeitem.

Tudo o que escolhemos mostrar na exposição *Mundos Indígenas* é o que vivemos, tem a caçada, a chegada dos caçadores, os rituais que estão lá no vídeo, as pinturas corporais, os *akaajö* (carimbos corporais). É uma tradição que está viva. As crianças *yadaanawi* [não-indígenas] têm que conhecer como vivemos hoje, os nossos mundos do presente, é sobre isso que queremos falar para os *Yadaanawi*. Tudo que está na exposição é sobre nosso mundo, não são brincadeiras, é de verdade. A gente vê os vídeos das visitas à exposição, as crianças participando. Nós queremos que as crianças não-indígenas aprendam ao visitar a exposição, conheçam nosso mundo e nosso jeito de viver.

A universidade aceitou mostrar um pouco da nossa cultura. A universidade tem visto a importância de registrar nosso conhecimento também através das imagens, não só através do papel, mas também através das cestarias, dos vídeos. Isso é muito importante. Ainda não vemos as escolas públicas fazendo isso, ensinando as crianças desse jeito, além do que está escrito nos livros. A universidade está à frente nesse sentido, pois está mostrando também aos próprios professores e alunos da universidade, isso tem que ser feito. As escolas também deveriam fazer o mesmo. Levar nossa cultura para dentro das escolas não apenas através dos livros, mas da maneira como nosso conhecimento é ensinado aos nossos filhos, nas cestarias, nos rituais, nas roças, na caça e pesca, nas pinturas corporais.

para não
esquecer



Isael
Maxakali

Bay! Sou Isael Maxakali e moro na Aldeia-Escola-Floresta, que fica no município de Teófilo Otoni, Minas Gerais. Participamos da exposição que aconteceu aqui na Universidade Federal de Minas Gerais em 2019 com peças de Maxakali, de Yãmĩy, com os rituais. Nós fizemos material de Yãmĩyxop. E agora tem a exposição aqui na Reitoria, em 2025. Aí nós estamos de novo, eu e Sueli.

Foi muito importante para nós, porque estamos trazendo o nosso conhecimento aqui para a universidade. A exposição podia continuar, mostrando o nosso ritual. Eu quero falar com todos os professores e professoras, com a reitora também, para olharem o nosso projeto, para conhecer mais.

Estamos mostrando o nosso conhecimento verdadeiro também para os estudantes aqui em Belo Horizonte.

Tem que ter espaço para nós continuarmos fazendo isso para não esquecer, para não enfraquecer a nossa cultura verdadeira. Vamos trazer esse material de novo aqui e depois, como foi para São Paulo e foi para Viena também.

Antes da Reitoria, a nossa exposição foi para o Espaço do Conhecimento UFMG. Mas antes de acontecer a exposição, nós fomos visitar o lugar onde seria a nossa exposição. Fomos eu e Sueli e assim começamos a fazer o material para a exposição. Nós encomendamos para as mulheres da aldeia fazerem as máscaras com linha de embaúba e outras linhas.

Como nós organizamos o material? É do Yãmĩy. Porque Yãmĩy usa as máscaras para cantar, sair e dançar. Aí nós estamos trazendo para cá para fazer a exposição. Não eram só as peças de máscaras. Eu também fiz alguns desenhos. Eu e Cassiano Maxakali. *Kuxek* pode entrar também porque são todos encantados.

Nós visitamos e gostamos muito. Tinha vários estudantes. Estudantes indígenas de Minas Gerais e estudantes não indígenas também. Todos conheceram a nossa exposição, a exposição Maxakali. Quero agradecer o pessoal que organizou a exposição que nos ajudou a fazer. Bay.

nossa terra-floresta tem *ně ropě*



Joseca
Yanomami

É assim que nós, Yanomami, ensinamos as palavras sobre *ně ropě*, o valor de fertilidade da nossa terra-floresta. Quando *ně ropě* desperta na floresta, as árvores das quais nos alimentamos começam a crescer. Brotam as pitangas, os inajás e também os frutos das abiuranas, os caranãs, os açais, as bacabas, os patauás. Também brotam os cacaueiros, as castanheiras, os ingás-cipó, os ingás *waka mapě*, os ingazinhos e também os pés de piquiá. Quando todos os frutos e alimentos estão crescendo e brotando na floresta, nós falamos que eles têm *ně ropě*, nós dizemos que *ně ropě* está na floresta.

Quando *ně ropě* não está presente em nossa terra-floresta, não há alimentos. Quando não há frutos e alimentos, não pronunciamos palavras sobre *ně ropě*. Quando o valor de fertilidade da floresta está presente nela, há muita abundância!

Quando *ně ropě* chega, há muitos alimentos em nossas roças também. Crescem os caranãs, a cana-de-açúcar, a jurubeba, as bacabas e as manivas. Mas quando esses alimentos não crescem, é porque a terra-floresta está escassa.

A floresta tem *ně ropě*, as roças têm *ně ropě*, é assim que falamos. Quando há alimentos em nossas roças, nós dizemos que *ně ropě* está nelas, dizemos que elas se tornaram *ně ropě*. Quando não há alimentos nas roças, dizemos que a terra-floresta está em estado de penúria. “Agora não há sinal de *ně ropě*”, nós falamos. É assim que ensinamos sobre *ně ropě*. É *ně ropě* que traz abundância para nós.

Em nossa terra-floresta, existe também *Ně Ropěyōma*, o espírito feminino da fertilidade, que somente os xamãs conhecem. Quando a floresta está escassa, quando as nossas roças não estão produzindo, os xamãs cuidam das roças, da floresta e dos alimentos através de *Ně Ropěyōma*. Quando *Ně Ropěyōma* cuida de nossa floresta, as árvores frutíferas começam a florescer. *Ně Ropěyōma* cuida de nossas roças, purifica as mudas de bananas e as fazem crescer e ficarem mais fortes. Ela pega os alimentos, os coloca em sua tipóia e os nutre, assim como fazemos com nossos filhos. Quando queremos que os alimentos cresçam na floresta, é *Ně Ropěyōma* que trata de cuidar das árvores frutíferas para que elas brotem. Quando isso acontece, *ně ropě* chega na floresta e então dizemos assim: “Agora a floresta está com *ně ropě*!”. Quando *Ně Ropěyōma* age dessa forma, a terra-floresta yanomami se enche de abundância com *ně ropě*. Quando *Ně Ropěyōma* não faz isso, a floresta fica sem *ně ropě* e nossas roças também. Se isso acontece, nós Yanomami começamos a passar fome e ficar sem alimentos porque não há frutos na floresta devido à ausência de *ně ropě*. É assim que nós falamos, essas são as palavras sobre como *ně ropě* age.

Como nós Yanomami nos alimentamos? Como os *napě pě* e os animais comem? Nós comemos porque *Ně Ropěyōma* faz com que os alimentos cresçam! É *Ně Ropěyōma* quem cuida das árvores frutíferas da floresta. Quando *Ně Ropěyōma* está presente, ela age dessa forma. Mas quando ela não aparece, os alimentos e as plantas não crescem, pois é ela quem detém o valor de *ně ropě* da floresta. *Ně Ropěyōma* possui e traz *ně ropě* para que os alimentos cresçam, é ela que faz com que eles existam. Se *Ně Ropěyōma* não cuidasse da floresta, não haveria alimentos. Se *Ně Ropěyōma* não existisse, não falaríamos que a floresta tem *ně ropě*. Somente dizemos que a floresta tem *ně ropě* porque conhecemos *Ně Ropěyōma* e sabemos como age. Se *Ně Ropěyōma* não existisse em nossa terra-floresta, os alimentos se acabariam e nós Yanomami passaríamos fome e vocês, *napě pě*, também. Todos nós, Yanomami, vocês *napě pě* e os animais nos alimentamos somente porque *ně ropě* existe. É assim.

Quando *Ně Ropěyōma* não aparece, nós fazemos nossas roças, mas os alimentos não crescem. Plantamos nossas

bananeiras e diversos alimentos, mas eles não crescem porque *Në Ropëyōma* não está presente. Quando plantamos os alimentos apenas com as nossas mãos, eles não crescem. Podemos plantar muitas bananeiras, mas elas não brotam se *Në Ropëyōma* não aparecer. Então nós pensamos: “Porque os alimentos não estão crescendo? Porque estão brotando estragados?” Os xamãs conhecem e enxergam *Në Ropëyōma*, por isso seus *xapiri pë* cuidam da floresta e quando assim o fazem, mesmo que antes os alimentos não tenham crescido, eles então voltam a brotar e florescer. Assim são as palavras sobre o espírito feminino da fertilidade. *Në Ropëyōma* é seu nome na fala dos *xapiri pë*, mas como ela também nos ajuda, nós dizemos o seu nome quando os alimentos estão crescendo muito bem: “*Awei, Në Ropëyōma* está mesmo aqui!”.

Nesta exposição, nós Yanomami ensinamos as palavras sobre *në ropë* e sobre *Në Ropëyōma* porque sabemos que em nossa terra-floresta existe *në ropë*. *Në Ropëyōma* é o pássaro Juriti. Nós pensamos que é um Juriti, mas é *Në Ropëyōma*. Para nossos olhos, é um pássaro Juriti, mas para os xamãs, é como uma pessoa, como um Yanomami. *Në Ropëyōma* é assim. Aqueles que conhecem e verdadeiramente enxergam *Në Ropëyōma* sabem que ela é assim.

Nos limites de nosso território, onde os fazendeiros *napë pë* fizeram suas plantações, eles estragaram a floresta de *Në Ropëyōma*. No entanto, como ela vive bem no alto, mesmo que eles tenham estragado a floresta, no local onde eles fazem suas roças ela ainda faz com que as plantas cresçam. “Como os alimentos crescem bem!”, os *napë pë* pensam e nós, Yanomami, também pensamos assim. Todos nós, os jovens, as moças, todos pensamos: “Poxa, os alimentos estão crescendo muito bem!” Mas é somente *Në Ropëyōma* quem verdadeiramente sabe. É por isso que existe esse nome, *në ropë*, porque é *në ropë* que faz com que todos os alimentos cresçam bem, porque é ele que nutre os alimentos para que brotem saudáveis! Se não houvesse *në ropë*, tudo cresceria mal. É assim que são as palavras sobre *në ropë*.

Tradução de Daniel Jabra

Notas do tradutor:

As espécies mencionadas neste texto são: *Pseudolmedia laevigata*, *Maximiliana maripa*, *Micropholis melinoniana*, *Mauritiella armata*, *Euterpe precatoria*, *Oenocarpus bacaba*, *Jessenia bataua*, *Theobroma cacao*, *Bertholletia excelsa*, *Inga edulis*, *Inga alba*, *Caryocar villosum*, *Saccharum officinarum*, *Solanum asperum*, *Manihot esculenta* e *Musa spp.*

O termo *napë* (*napë pë*, no plural) hoje é designado de modo geral aos não-indígenas, atualizando o termo originalmente utilizado para definir aquele com quem se tem relação de inimizade.

Os *xapiri pë* são os espíritos-auxiliares dos xamãs. São seres-imagem dos ancestrais animais do tempo das origens, mas também de personagens mitológicos, entidades cósmicas, árvores, rios, montanhas, fenômenos atmosféricos e praticamente tudo o que compõe a terra-floresta yanomami em sua dimensão visível e invisível.

ação educativa indígena



**Deborah Lima,
Fabrício Potiguara
Ka'amembyra,
Marciane Rocha,
Deolindo Faustino
da Silva,
Railane Brito
dos Santos
e Rainilza
Viana Arantes**

A migração da *Mundos Indígenas* para o Mezanino da Reitoria da UFMG significou uma abertura para um público novo, formado em grande parte por professores, estudantes e funcionários familiarizados com a diversidade de suas próprias origens e com as trazidas pelos programas de inclusão étnico-racial. A exposição, no entanto, introduziu um contraponto importante às premissas universais da academia: o pluriverso constituído pelos mundos indígenas da exposição.

Nesta nova montagem, a exposição conta com uma equipe de monitores formada por alunos indígenas da UFMG, somando-se, assim, às vozes da curadoria indígena, para oferecer ao público uma mediação entre vários mundos. A equipe é formada por cinco bolsistas – Fabrício Potiguara Ka’amembyra, Marciane Rocha, Deolindo Faustino da Silva, Railane de Brito dos Santos e Rainilza Maria Viana Arantes – que relatam aqui as suas experiências, como indígenas, de apresentar ao público da universidade e de escolas da região metropolitana janelas conceituais que permitem vislumbrar a existência bela, rica e contemporânea de cinco mundos indígenas.

Meu nome é Fabrício Potiguara Ka’amembyra. Sou estudante de antropologia e arqueologia na UFMG.

Meu contato com a exposição *Mundos Indígenas* ocorreu no ano de 2023 no Espaço do Conhecimento da UFMG, quando atuei como bolsista do núcleo de Ações Educativas do museu e tive a oportunidade de presenciar vários momentos com o público durante as mediações que fazíamos nesta exposição.

Em um episódio específico, testemunhei outra bolsista e parenta indígena (os únicos bolsistas indígenas atuando no museu na época), sendo tocada e cheirada por uma criança de uma escola particular. Naquele momento não soubemos como reagir. Ela simplesmente ficou parada e eu sem palavras. Estávamos chocados com aquilo que estava acontecendo. A criança ainda perguntou se ela sabia a idade e o nome, já que “índio” geralmente não sabe dessas coisas. A professora que estava acompanhando a turma simplesmente começou a rir. Aquilo me deixou muito impactado. Afinal, não era o que esperávamos de uma educadora escolar.

Começamos então a refletir sobre como professores não-indígenas estão ensinando sobre quem somos nas escolas. Não somos mais o “índio” que os livros de história retratam, que fala apenas tupi, que tem o olhinho puxado e o cabelo liso ou que mora numa oca. Somos povos plurais e essa diversidade deve ser contada às crianças, aos jovens e aos adultos em todas as escolas.

Além de escolas, recebíamos também a visita de públicos espontâneos. Era notório observar que as pessoas ficavam chocadas quando viam que no estado de Minas Gerais havia e ainda há povos indígenas.

A exposição era composta por cinco mundos indígenas diferentes: Yanomami, Xakriabá, Maxakali, Pataxó e Ye’kwana. A intenção desses mundos indígenas era mostrar um pouco dessa diversidade cultural, linguística, histórica e sobretudo atual dos povos indígenas do Brasil. Os Xakriabá e os Maxakali estão localizados na região sudeste do Brasil, enquanto os Yanomami e os Ye’kwana são da região norte. Por sua vez, os Pataxó são da região nordeste, todavia, muitos deles migraram há tempos para o estado de Minas Gerais, estando presente uma boa parcela deles também no sudeste.

Para mim, a exposição *Mundos Indígenas* foi elaborada com o intuito de impactar as pessoas que desconhecem a realidade de nós povos indígenas, mas também de reeducá-las e trazer novos olhares sobre os nossos mundos. Frequentemente eu escutava questionamentos direcionados para os povos indígenas do sudeste e do nordeste como os Xakriabá e os Pataxó, tais como: *Eles são índios de verdade?* Pois eles não possuem “cara de índio” – a cara que o branco quer ver. Relacionado aos povos da região norte, o questionamento era o seguinte: *Eles são brasileiros?* Isso porque eles ainda têm os traços do que é considerado o “índio” puro e selvagem e também a língua mais preservada.

Todos os povos expostos e seus mundos indígenas eram questionados de alguma forma e entendemos que isso é uma forma de apagamento da presença desses povos. Isso acontece desde a invasão europeia e se estende até os dias atuais. Não é que as pessoas sejam desinformadas; muitas preferem continuar em suas bolhas. Para aprender a respeitar o outro em suas diferenças, precisamos apenas ser humanos.

Após quatro anos, a exposição *Mundos Indígenas* foi desmontada no Espaço do Conhecimento UFMG. No primeiro semestre de 2025, já não sendo mais bolsista do Espaço do Conhecimento, soube que a exposição iria reabrir. Desta vez, não seria montada num espaço museal, mas na Reitoria da UFMG. Nessa remontagem, fui convidado a atuar como coordenador da equipe de bolsistas mediadores da exposição. Desta vez, todos os mediadores seriam indígenas.

Desde a sua inauguração no mezanino da Reitoria da UFMG, em julho de 2025, a exposição tem recebido vários grupos de visitantes e com eles, também fizemos algumas visitas guiadas. Um grupo de alunos da Escola de Belas Artes estava interessado em saber sobre as artes contemporâneas indígenas e como elas interligavam passado, presente e futuro. No decorrer do percurso, fiz algumas provocações: Quem por séculos falou o que seria e é a arte? Por que os povos indígenas e demais comunidades tradicionais não apareceram por muito tempo como produtores e fazedores de arte? E como estamos vendo, pensando e fazendo arte hoje?

Outro dia que me marcou, foi quando recebemos a visita de parentes indígenas Xakriabá e Pataxoop. Apesar da nossa equipe ser formada apenas por mediadores indígenas, ao termos visitantes daqueles povos, fiquei receoso de falar alguma coisa que não fosse a realidade deles. Precisamos ter cuidado e zelo quando falamos da cultura e história dos outros parentes, porque afinal não fazemos parte de suas vivências.

Eles eram professores da escola indígena Xakriabá, alunos e familiares de Liça Pataxoop, uma das curadoras da exposição. Optei, assim, por trocar experiências entre os mediadores e os parentes que estavam presentes ali. Propus isso: Eu falo sobre o que entendo do mundo de vocês e vocês me falam se eu estava correto ou não! Essas trocas foram muito importantes durante a mediação, porque pudemos ser avaliados e pudemos aprender com eles sobre as suas próprias narrativas.

Apesar de eu gostar de todos os mundos em exposição, os que tenho mais apego são os Xakriabá – por causa da cerâmica, pois sou da arqueologia e a materialidade é o que trabalho – e os Pataxoop. Os quadros de Dona Liça, feitos junto aos alunos na escola indígena, me fazem lembrar o tempo que eu estudava na escola indígena da minha aldeia, o que sempre me traz boas lembranças. Foi essa educação diferenciada do meu território que me preparou para ocupar hoje este espaço que é a universidade.

Fabrício Potiguara
Ka'amembyra

Meu nome é Marciane Rocha. Nós Ye'kwana vivemos no nosso território tradicional, que se estende do extremo norte do Brasil até o sul da Venezuela. Esse território foi dividido pelos brancos no processo de colonização, pois para os Ye'kwana não existe divisão de fronteira. De acordo com o censo de 2011 do Instituto Nacional de Estatística (INE), a população total é de cerca de 8.000 pessoas.

Na Venezuela, são cerca de 60 aldeias ye'kwana, situadas em amplos territórios nos estados Bolívar e Amazonas. No Brasil, são três aldeias ye'kwana situadas na porção noroeste do estado de Roraima, na Terra Indígena Yanomami – duas ao longo do Rio Auaris (Fuduwaaduinha, conhecida como Auaris e Kudaatannha, conhecida como Tucuxim) e uma situada ao longo do Rio Uraricoera (Waichannha, conhecida como Waikás). A população das quatro aldeias, de acordo com o censo de 2015, elaborado pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) é de 593 pessoas.

Dividimos com os povos da família linguística yanomami o mesmo território, mas temos modos de vida muito diferentes. Somos falantes de uma língua classificada na família linguística caribe. Nossas comunidades no Brasil estão muito próximas de um dos povos yanomami em especial, o povo Sanumá. Os mais velhos contam que quando os Sanumá começaram a chegar nessa região, nós já vivíamos ali. A sua chegada foi anterior aos nossos primeiros contatos com os brancos. Décadas mais tarde, a nossa terra foi demarcada com o nome de Terra Indígena Yanomami.

Minha experiência como mediadora da exposição *Mundos Indígenas* é profundamente ligada à minha trajetória acadêmica e também pessoal, enquanto estudante Ye'kwana que ocupa espaço dentro da universidade. Acompanho essa exposição desde 2019, quando foi inaugurada pela primeira vez no Espaço do Conhecimento UFMG. Naquele momento eu ainda estava fora da universidade e jamais imaginei que algum dia estaria ali, naquele mesmo lugar, não apenas como visitante, mas como mediadora responsável por dialogar com os mais diversos públicos.

Na inauguração de 2019, eu estava apenas acompanhando minha irmã, Viviane Ye'kwana, uma das curadoras da exposição, e outros parentes Ye'kwana que vieram trazer cestarias, adornos de miçangas, instrumentos musicais e

outros objetos produzidos pelo nosso povo. Estar presente nesse processo inicial foi marcante, pois pude observar como nosso conhecimento tradicional, nossas formas de fazer e existir estavam sendo apresentadas ao público em um espaço acadêmico.

Em 2022 entrei no curso de Antropologia UFMG. Já no meu segundo período, me tornei mediadora no Espaço do Conhecimento UFMG. Trabalhei lá durante um ano e isso foi importante para a minha formação. Recebíamos públicos muito diversos, mas predominavam crianças e adolescentes das escolas públicas e privadas de Belo Horizonte e região. Era um público curioso, questionador e, ao mesmo tempo, carregados de ideias distorcidas sobre os povos indígenas, fruto de estereótipos muito presentes no imaginário social brasileiro.

Durante essas mediações, percebi como grande parte das pessoas sabe muito pouco sobre os povos indígenas, especialmente sobre meu povo Ye'kwana. Algumas perguntas vinham carregadas de estranhamento. Às vezes eu era vista como alguém “exótica”, como se minha presença ali causasse surpresa. Apesar disso, sempre procurei transformar essas situações em oportunidades de aprendizado. Eu explicava como são produzidos aqueles objetos, para que servem, quais histórias carregam e como fazem parte da vida cotidiana da nossa comunidade.

A exposição *Mundos Indígenas* foi reinstalada no mezanino da Reitoria da UFMG em 2025 e atuei como mediadora também nessa nova fase. Cada visita mediada ali teve características e aprendizados diferentes.

A primeira mediação aconteceu com o grupo participante do 1º Seminário do LEEI (Leitura e Escrita na Educação Infantil) – Comunidade Indígenas/Sudeste. Essa visita foi especial porque boa parte do público era indígena. Houve troca de saberes, reconhecimento e partilha de perspectivas. Não era apenas apresentar a exposição, mas dialogar com pessoas que também vivem seus próprios mundos, compartilhando suas experiências e interpretações a partir de seus territórios.

Em outra ocasião, recebemos um grupo da Escola de Belas Artes. Esse público trouxe reflexões acadêmicas e artísticas. Observaram as obras e os objetos com um olhar atento às

estéticas, aos processos de produção, aos significados e às relações entre arte, território e cultura indígena. Aquele diálogo ampliou meu próprio entendimento sobre os nossos objetos, sobre como podem ser interpretados dentro de diferentes áreas de conhecimento.

Outra visita especial ocorreu com o grupo do VIII Encontro Intercultural de Licenciaturas Ameríndias (EILA), que contava com a presença de Liça Pataxoop, uma das curadoras da exposição. Ela compartilhou histórias do *têheys*, a sua pescaria de conhecimento. Foi uma experiência intensa e enriquecedora estar ao lado dela, ouvir as suas narrativas e compartilhar espaço com várias pessoas. Fortaleceu o sentido da exposição e a importância da mediação feita por nós, que viemos deles e que sentimos esses saberes na prática.

Ao longo dessa trajetória, compreendo que ser mediadora da *Mundos Indígenas* não é apenas apresentar uma exposição, é ocupar um lugar de ponte entre o público e os saberes dos povos indígenas. Como estudante Ye'kwana, sinto que minha presença ali é também uma forma de afirmação, de existência e de continuidade dos conhecimentos do meu povo dentro da universidade.

Marciane Rocha

Meu nome é Deolindo Faustino da Silva. Também utilizo o nome indígena na língua tupi Ybymembyra para que, mesmo distante do território, me sinta próximo dele. A tradução seria Filho da terra”: Yby = terra (território), membyra = filho. Sou indígena do povo Potiguara do estado da Paraíba. Estamos localizados no litoral norte do estado. Somos falantes de Tupi Antigo, que faz parte do tronco linguístico tupi.

Sou estudante do curso de licenciatura em Ciências Sociais, e ser estudante indígena nesta instituição significa caminhar entre dois mundos: o da tradição, que me conecta às minhas raízes e aos saberes ancestrais, como também o da educação formal, que me permite adquirir novos conhecimentos que são fundamentais para abrir caminhos para o futuro. Os caminhos não são opostos, mas complementares.

A riqueza de costumes, crenças e cores de pele nos mostra a multiplicidade que há em nosso país. Cada região geográfica do Brasil carrega uma história que foi construída ao longo dos séculos e uma parte considerável dessa pluralidade regional teve influências da colonização. O Brasil de 1500, claro, não é o mesmo dos tempos atuais; ocorreram muitas mudanças em relação a aspectos biológicos, culturais, sociais, econômicos e políticos.

O etnocentrismo é visível não só quando relacionado aos conceitos europeus, mas parece ser algo inato na sociedade atual, pois o julgamento prévio de um indivíduo a partir de sua aparência é colocado em primeiro

plano, deixando sua verdadeira concepção como ser humano em segundo lugar.

Por mais que haja políticas de conscientização mostrando que o diferente é normal — frase pronunciada por inúmeras pessoas, como por exemplo, Preta Gil e Gilberto Gil na obra musical *Ser diferente é normal* — muitos sabem que, de fato, ter diferenças em relação ao outro ainda é motivo de estranhamento.

O ser humano é atraído pelo exótico. O comum é apenas o comum, é o que vemos diariamente, faz parte da nossa rotina. Seria como viajar para outro lugar, não necessariamente outro país: uma cidade distante, ainda não visitada, com cultura, clima e aspectos desconhecidos.

A diversidade social e cultural foi ocultada de maneira proposital, apesar de ser visível. Conhecer um novo mundo torna-se fundamental para a compreensão de tantos modos de vida. Mas e quando esse ser não compreende o novo mundo? Seria preciso “instruí-lo” acerca desta nova descoberta? Ele sairia da “sala de aula” transformado, imbuído de conceitos fundamentais para ser um cidadão consciente da realidade vivida por outras sociedades?

Quero chamar a atenção para o comum: a palavra “comum” pode ser “incomum” para o outro. Trabalhar esses elementos críticos com as pessoas se torna uma atividade complexa. Alguns compreendem e absorvem; outros apenas respeitam, mas criticam. Sendo

assim, essa prática de transferir novos conhecimentos a pessoas com variedade de pensamentos é uma atividade contínua, pois as informações podem gerar ainda mais questionamentos.

A exposição *Mundos Indígenas* nos mostra um pouco — muito pouco — do que é ser diferente. As particularidades de cada mundo da exposição revelam como vivem alguns povos indígenas. O modo de vida, a organização política e social, entre outros elementos que estruturam cada povo, não foram expostos de forma direta, mas compartilhados em cada mediação que fazíamos ou em momentos de conversa informal entre nós da equipe.

O desejo de saber mais de cada povo estava presente. Compreendíamos que a diferença entre nós era “normal” e o comum se transformava em incomum para cada um de nós.

Durante as mediações na exposição, nos deparamos com situações de curiosidade. Algumas estavam além do nosso conhecimento. Utilizamos a comparação, método essencial para explicar que, mesmo sendo povos indígenas da mesma região ou de localidades próximas, há disparidades. Os povos indígenas fazem uso de elementos naturais similares, mas o manuseio para a fabricação, por exemplo, da tinta feita com urucum e jenipapo, pode variar dependendo do povo. Todavia, a finalidade é a mesma: a pintura corporal, um dos elementos mais visíveis entre os povos indígenas. Sinal de identificação do povo, ela expõe não apenas a beleza

nos seus traços e curvas, mas também a cosmologia daquele povo.

Cada Mundo Indígena trouxe um conceito idealizado a partir de um olhar ancestral. Em cada um deles, há uma mensagem direcionada àqueles que não compreendem os mundos indígenas como os próprios indígenas. *Nê ropê* faz um alerta acerca do cuidado com a natureza — questão fundamental quando nos voltamos à situação climática do planeta. Se não há cuidado com o ambiente onde habitamos, não há visão de futuro para as próximas gerações.

Weicho nos faz compreender o modo de vida do povo Ye'kwana. Corpo-Território mostra, a partir do barro, a força e a conexão que existem entre o território e o corpo xakriabá, revelando que ambos se complementam. O povo Maxakali, por meio do *Yây hã mĩy* expressa sua ligação ancestral pela prática da caça, costume muito presente nos rituais, e também a ideia de transformação. *Hãm'kuna'ã xeka*, do povo Pataxoop, apresenta sua história de criação, retirando da sociedade a imagem de um deus universal para os povos indígenas, o deus Tupã.

A exposição *Mundos Indígenas* não apenas trouxe um pouco do mundo de cinco povos para a população não indígena; os indígenas que também estiveram presentes na exposição puderam aprender uma parcela da cultura e do modo de vida de outros povos. A troca de conhecimentos entre povos tradicionais é essencial, pois, dentro das comunidades indígenas, várias passam por problemas territoriais. Esses problemas

podem ser diferentes dependendo da localização: enquanto um povo sofre por causa da exploração mineradora, outro sofre pelo avanço da agroindústria, que promove a expulsão dos povos de seus territórios de origem.

**Deolindo Faustino
da Silva**

Meu nome é Railane de Brito dos Santos. Sou da Aldeia Barra Velha e pertenço ao povo Pataxó, Bahia. Hoje venho relatar um pouco da minha vivência em Belo Horizonte.

Quando cheguei à cidade grande, senti-me completamente perdida. Era muita gente, muito barulho, tudo diferente daquilo que eu estava acostumada. O ar parecia outro, o ritmo das pessoas também. Encontrei um ambiente que me trouxe inúmeros desafios. Uma verdadeira selva de perdas, descobertas e superações.

Porém, ao mesmo tempo, vivi experiências muito valiosas. Conheci pessoas incríveis que me acolheram, fiz amigos que sempre me ofereceram apoio e que continuam caminhando comigo até hoje.

Em agosto de 2025, recebi o convite para trabalhar como mediadora na exposição *Mundos Indígenas*. Confesso que, para mim, foi um grande desafio, pois eu era bastante tímida para conversar com o público. Ainda assim, enfrentei meu medo, respirei fundo e consegui falar não apenas sobre o meu povo, mas também sobre outros povos indígenas.

Tive acesso a histórias, conhecimentos e perspectivas que ampliaram meu entendimento e fortaleceram minha identidade. Foi uma experiência transformadora, uma verdadeira troca de saberes que contribuiu profundamente para o meu crescimento pessoal e cultural.

Participamos de reuniões, compartilhamos aprendizados e vivências, e cada momento reforçou em mim o orgulho de carregar minha cultura e minha ancestralidade. Em uma das reuniões com a equipe coordenadora, me entregaram um trecho do livro de Davi Kopenawa, *A Queda do Céu*, para que eu lesse e explicasse para o grupo. Ao ler aquela história, senti-me profundamente conectada às palavras ali escritas, especialmente quando Kopenawa relata como a cidade grande foi um choque para ele, um lugar onde as pessoas não cuidavam da terra e a utilizavam apenas como fonte de lucro.

Esse trecho me trouxe uma reflexão importante: “Quando alguém faz mal à terra, faz mal a si próprio.” Afinal, se destruimos a terra, destruimos também a vida; se ela acaba, todos nós perecemos.

Mesmo diante de tantos desafios, coloquei uma verdade dentro de mim: não importa o tamanho da cidade, do medo ou do obstáculo. Dentro de nós existe uma força ancestral que nunca se cala. Somos caminho, somos raiz, somos resistência. Por isso, continuo seguindo, mesmo quando o mundo parece grande demais. Cada passo honra quem eu sou e todos aqueles que vieram antes de mim.

**Railane de Brito
dos Santos**

Sou Rainilza Maria Viana Arantes. Sou indígena do povo Tukano.

Atuar como mediadora da exposição *Mundos Indígenas* foi de extrema importância para minha formação pessoal e cultural, pois se trata de uma das primeiras experiências acadêmicas em um projeto diretamente voltado aos povos indígenas. A exposição apresentou a diversidade de cinco povos: Yanomami, Ye'kwana, Pataxoop, Xakriabá e Maxakali, possibilitando o contato direto com diferentes culturas, saberes e modos de vida.

Durante as mediações, tive diversas experiências. Pude conviver com indígenas de diferentes povos, etnias e costumes, o que contribuiu significativamente para o meu aprendizado e para o fortalecimento da minha identidade indígena. Além de aprender sobre os outros povos, também tive a oportunidade de compartilhar um pouco da cultura do meu próprio povo, o Tukano.

Durante a ação educativa com o grupo do Encontro Intercultural de Literaturas Americanas, acompanhei a visita junto com Marciane. Essa mediação foi muito importante para mim, pois pude dialogar com o público, apresentar os povos da exposição e contribuir para a valorização das culturas indígenas.

Outro momento significativo foi o encontro com uma das curadoras da exposição, Liça Pataxoop. Tive a oportunidade de conversar com ela, ouvir suas histórias e aprender mais sobre a trajetória e a cultura do seu povo. Esse encontro foi muito especial e marcante, pois ela é uma pessoa de muita luz e sabedoria.

Também participei de reuniões coletivas, encontros com escolas, atividades educativas e momentos de diálogo entre os próprios indígenas envolvidos no projeto. Essas experiências fortaleceram os laços entre os participantes e proporcionaram trocas de conhecimentos, saberes e vivências. Senti-me acolhida, respeitada e valorizada em todos os momentos.

Finalizo este relato expressando minha gratidão pela oportunidade de participar como bolsista e reforçando a importância de projetos como a exposição *Mundos Indígenas*, que promovem o respeito, a valorização e o conhecimento sobre os povos indígenas. Espero que a exposição continue alcançando muitas pessoas e fortalecendo cada vez mais nossas culturas.

**Rainilza Maria
Viana Arantes**

créditos

Realização

Universidade Federal
de Minas Gerais

Reitoria

Sandra Regina Goulart
Almeida - reitora
Alessandro Fernandes
Moreira - vice-reitor

Pró-reitoria de Cultura

Fernando Mencarelli
Mônica Medeiros
Ribeiro

Espaço do Conhecimento UFMG

Sibelle Cornélio Diniz
Camila Mantovani

Projeto de Extensão Mundos Indígenas Programa Contínuo

Ana Maria R. Gomes
Paulo Maia
Renata Marquez

Curadoria

Célia Xakriabá
Davi Kopenawa
Edvaldo Xakriabá
Israel Maxakali
Joseca Yanomami
Júlio David Magalhães
Ye'kwana
Kanatyo Pataxoop
Liça Pataxoop

Vicente Xakriabá
(*in memoriam*)

Sueli Maxakali
Viviane Cajusuanaima
Rocha Ye'kwana

Assistência de Curadoria

Ana Maria Machado
Deborah Lima
Edgar Kanaykô Xakriabá
Karenina Andrade
Roberto Romero
Siwê Braz Pataxoop

Artistas

Alunos e professores
da Escola Estadual
Indígena Pataxó Muã
Mimatxi

Ana Maria Machado
Associação Wanaseduume
Ye'kwana

Cassiano Maxakali
Cláudio Manoel Rodrigues
Comunidade Yanomama do
Paapiu

Comunidade Yanomami da
Missão Catrimani

Delcida Maxakali
Edgar Kanaykô Xakriabá
Elizabeth Maxakali
Felipe Serume
Hutukara Associação
Yanomami

Israel Maxakali
Izabelinha Maxakali

Ivanir Xakriabá
José Cury
Joseca Yanomami
Juliana Maxakali
Julinha Maxakali
Julio David Magalhães
Juraci Maxakali
Jurema Maxakali
Liça Pataxoop
Luiz Serume
Maiza Maxakali
Mamei Maxakali
Marcinho Maxakali
Marinete Maxakali
Morzaniel Iramari
Yanomami
Nei Xakriabá
Neusa Xakriabá
Nezinha Maxakali
Noemia Maxakali
Paulícia Maxakali
Renata Maxakali
Salomé Rodrigues
Sueli Maxakali
Tatuzinho Maxakali
Tariana Maxakali
Tavinho Maxakali
Vicente Xakriabá
Zezão Maxakali

Exposição Mundos Indígenas 2019

Espaço do Conhecimento UFMG

Direção

Diomira Maria Cicci
Pinto Faria
Sibelle Cornélio Diniz

Coordenação

Ana Maria R. Gomes
Deborah Lima
Mariana Oliveira

Expografia e Identidade Visual

Renata Marquez
Dânia Lima
Maria Cecília Rocha
Pedro Vilaça
Tainá Viana

Design e Comunicação

Camila Mantovani
Juliana Ferreira
Alice Sá
Ana Naemi
Thaís Freire
Carolina Fonseca
Luigi Buzele
Tanith Campos

Audiovisual

Maurício Gino
Kayke Quadros
Luiza Bragança
Carolina Pereira

Programação Sonora

Fábio Janhan

Ação Educativa e Acessibilidade

Sibelle Diniz
Bárbara Paglioto
Wellington Luiz Silva
Creuza Daniely dos Reis
Jonathan Philippe
Fernandes Barboza
Júlia Lobato Maciel
Priscila Gabriele
Martins Silva
Tamires Batista Silveira

Produção

Fabiane Souza
Laura Maia
Sílvia Maria de Miranda

Exposição Mundos Indígenas 2025

Reitoria UFMG

Coordenação

Ana Maria R. Gomes
Paulo Maia
Renata Marquez

Coordenação de produção

Lucas Carvalho de Jesus

Expografia

Lucas Carvalho de Jesus
Priscila Musa
Renata Marquez

Ação Educativa

Deborah Lima
Fabrício Silva do Nascimento
Marciane Rocha
Deolindo Faustino da Silva
Rainilza Maria
Viana Arantes
Railane de Brito dos Santos

Apoio de Design

Aline Furtado Franceschini

Apoio Audiovisual

Pedro Aspahan

Apoio Administrativo

Luciana Gomes da Luz Silva

Apoio de Infraestrutura

Bruno Lanna

Impressão e Plotagem

Artwork Digital
Armosphere

Montagem

Gran Produções
DEMAI UFMG
Van Gogh Molduras

Agradecimentos

Pró-Reitoria de Cultura - PROCULT
Pró-Reitoria de Extensão - PROEX
Espaço do Conhecimento UFMG
DEMAI UFMG
Divisão Transportes UFMG
Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade
Hutukara Associação Yanomami - HAY
Filmes de Quintal
Instituto Socioambiental - ISA
Instituto Unimed-BH
BDMG Cultural
Projeto de Extensão em Direitos Humanos, Educação e Saúde Yanomami/Ye'kwana
Eduarda Monti
Marina Puygcerver

Livro Mundos Indígenas, programa contínuo

Organização

Ana Maria R. Gomes
Lucas Carvalho
Paulo Maia
Renata Marquez

Coordenação editorial

Renata Marquez
Lucas Carvalho

Depoimentos

Célia Xakriabá em conversa com o público da exposição, gravação de João Piuzana
Liça Pataxoop em conversa com o público da exposição, gravação de João Piuzana, e em conversa com Paulo Maia
Viviane Ye'kwana em conversa com Karenina Andrade
Isael Maxakali em conversa com Ana Gomes
Joseca Yanomami em conversa com Daniel Jabra

Transcrição

Márcio Rocha

Edição e revisão

Renata Marquez

Fotografia

Aline Franceschini (p. 10, 32-34, 46, 50-56, 66, 70)
Lucas Carvalho (p. 74, 110)
Priscila Musa (capa; p. 8, 12, 18-30, 38-42, 48, 58, 64, 100)
Renata Marquez (p. 14-16, 36, 44, 60-62, 68, 72, 78, 84, 90, 96, 104)

Ilustração

Márcio Rocha

Projeto gráfico e diagramação

Felipe Carnevali
Paula Lobato

Impressão

Formato

Editora

Selo Cosmópolis
Escola de Arquitetura da UFMG

ISBN

978-65-83562-05-0

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Exposição mundos indígenas : programa contínuo / Ana
Maria R. Gomes (organizadores) ... [et al.]. --
Belo Horizonte, MG : Cosmópolis, 2026.

Vários autores.

Vários colaboradores.

Outros organizadores: Lucas Carvalho, Paulo Maia,
Renata Marquez

ISBN 978-65-83562-05-0

1. Exposições - Catálogos 2. Povos indígenas -
Brasil 3. Povos indígenas - Brasil - Usos e costumes 4. Povos
indígenas - Cultura I. Gomes, Ana Maria R. II. Carvalho, Lucas.
III. Maia, Paulo. IV. Marquez, Renata.

26.386189.0

CDD-980.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Exposições : Catálogos : Povos indígenas : Brasil 980.41
Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB - SP-010133/0

Selo Cosmópolis

Escola de Arquitetura

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Belo Horizonte

cosmopolisufmg.net

Recursos advindos da Emenda Parlamentar Célia Xakriabá nº 202443220013

apoio:



Espaço do
Conhecimento
UFMG

PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

realização:

UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

PROCULT
PRÓ-REITORIA
DE CULTURA

FaE
Faculdade de Educação







'ã



COSMO
POLIS